

Urbanismo de guerra: silêncios

Frederico Canuto

Walter Benjamin escreve em seu texto *Experiência e Pobreza* sobre a volta de soldados dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial numa Europa esfacelada. Entre as trincheiras, resguardando posições, e anos depois, de volta à vida civil, o filósofo alemão percebe o silêncio ou a falta de narrativas dos soldados em suas digressões sobre suas vivências na guerra. Vivências, com certeza, densas e marcantes, mas incapazes de produzir experiências de fato.

“Não, está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho como parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca. Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano.”

Experiências não produzidas por estes corpos miniaturizados pela escala do progresso. Estas experiências desmoralizadas não significaram produzir uma nova narrativa que exponha e produza um sentido a partir de uma vivência, não se transformaram em conheci-

mento apreendido, seja testemunhal, histórico, social. Tal percepção do filósofo se dá justamente porque quer compreender o que resta de tais vivências, quais os rastros que permaneceram como lições históricas para a sociedade que vem depois.

Tal colocação acima é posta porque de alguma forma remete a uma guerra silenciosa travada nas cidades desde a Modernidade e a uma experiência estética que tal evento cotidiano é capaz de engendrar nos corpos. Uma guerra que produz uma mudez, sendo que esta acomete as cidades justamente para produzi-las como espaço do silêncio ou da falta de sentido ou do sentido previamente dado: a contínua destruição e reconstrução do tecido urbano, solapando memórias, destruindo vivências que se perdem pela marcha inexpugnável do tempo histórico. Na geografia das cidades e em sua relação com a morfologia de rios, montanhas e na geobiologia dos biomas, o que se percebe é um movimento de progresso que age como um *bulldozer*: destrói a frente tudo que está lá, redesenhando acriticamente e utilitariamente o território como espaço conquistado, lógico, racional e aberto ao futuro, sempre.

Belo Horizonte, desde seu projeto e posterior construção pela comissão construtora capitaneada pelo engenheiro Aarão Reis em fins do século XIX, foi definida como cidade que vence a natureza, vence rios e montanhas para construir uma paisagem da racionalidade e da Modernidade. Montanhas foram cortadas ao longo do século XX para dar lugar a grandes avenidas que servem para alargar seus limites e metropolizar seu crescimento, como se pode ver nas fotografias da avenida Amazonas tiradas pelo fotógrafo mineiro Wilson Batista durante sua construção. Ecossistemas dilacerados e substituídos por artifícios novos que imitam ou produzem uma nova natureza como o Parque Municipal de Belo Horizonte ou como o Parque Ecológico da Pampulha, erguido sobre uma área assoreada da lagoa da Pampulha. Animais expulsos de seus velhos e novos habitats como ocorre com as capivaras moradoras do entorno da lagoa da Pampulha e que foram enjauladas a mando da Secretaria de Meio Ambiente. Ao tampar seus cursos d'água, transformando-os em galerias subterrâneas ou em fundos invisíveis da cidade que numa concepção higienista de urbanismo significa pólo atrator de doenças e insalubridade, além de ser objeto que traz fealdade à paisagem modernista, a natureza torna-se exílio condominial de luxo.

A Guerra contra as águas produziu fenômeno próximo ao da Guerra segundo Walter Benjamin. Pessoas lembram-se de passagens em sua infância de momentos de prazer ou lazer relacionados à água mas não conseguem construir nenhuma experiência relacionada à mesma porque o fechamento do rio ou sua supressão se dá por motivos técnicos tão distantes do cotidiano e com justificativas baseadas numa técnica intransponível e politicamente manipulada que narrativas construídas são sempre nostálgicas e pouco reveladoras de um olhar mais crítico em relação à produção desta Modernidade. As vivências deste processo de isolamento e desaparecimento das águas na cidade são apenas testemunhos sentimentais, incapazes de produzir novos sentidos.

O esforço de escritores sobre suas vivências sobre a guerra e as marcas deixadas pela mesma a fim de construir uma experiência da guerra não é apenas de produção de uma imagem de mundo, mas de fundação de uma linguagem e de um povo segundo uma outra lógica que não uma racionalista. As guerras, como dirá o filósofo alemão Theodor Adorno, são prova da falência do projeto racionalista moderno justamente porque são consequência de uma racionalidade que serve como motivo às maiores atrocidades cometidas em guerras, como, por exemplo, a pensadora alemã Hannah Arendt coloca em *Eichmann em Jerusalem* ao discorrer e traçar um quadro da banalidade do mal por detrás da práxis racionalista de Eichmann, oficial alemão responsável pelo planejamento e gestão de campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. O esforço da escuta destes que voltam da guerra está então não em uma vontade arqueológica ou arquivística de catalogação das diversas vivências, mas de produção e exposição de novas epistemologias baseadas não numa funcionalidade, mas em afetos, em histórias cotidianas, em lógicas outras.

Sentar-se à mesa das pessoas e resgatar falas e eventos que há muito já passaram e que, em última instância, já estão deformados ou reenformados pelo tempo é justamente a tarefa: resgatar para produzir experiências que nada mais são que ficções que buscam construir novos mundos.

Ao ver tal trabalho não-arqueológico, porque não se está em busca de uma origem ou de um discurso pré-existente sobre este mundo,

erra-se por outros mundos vividos onde a água não é apenas entidade controlada e que passa por tratamentos e mecanismos para jorrar na pressão correta da torneira residencial ou do chuveiro do banheiro e nem de forma selvagem para acionar turbinas nas usinas hidrelétricas. A água não é recurso ou produto, ela não pertence a ninguém. Se ela tem vida própria, ela é então alguém que tem direito à vida tal como qualquer um. Repensar as relações humanas e as águas para além do utilitarismo e mais próximo da afetividade é reescrever novas experiências, outros tipos mais próximos a outros recortes epistemológicos. Não se trata de pensar rios e águas para usufruto humano, mas como produtores em relação de novos regimes de afetividade que possam ser construídos com aquilo que é mais próximo.

Frederico Canuto é arquiteto / urbanista,
professor e pesquisador da EA UFMG.